

[Nem Todas as Árvores Morrem de Pé] [Luísa Sobral]

[Luísa Sobral] Biografia:



Luísa Sobral é uma das cantautoras mais importantes no panorama musical português, tendo lançado vários álbuns em nome próprio: *The Cherry on My Cake* (2011), *There's A Flower In My Bedroom* (2013), *Lu-Pu-I-Pi-Sa-Pa* (2014), *Luísa* (2016), *Rosa* (2018), *Camomila* (2021) e *DanSando* (2022).

Em 2020 estreia o podcast «O Averso da Canção», no qual conversa com grandes nomes da música portuguesa sobre a arte da escrita de canções.

A sua faceta de compositora vai-se destacando ao longo dos anos, chegando a compor para artistas como Ana Moura, António Zambujo, Gisela João, Sara Correia, Mayra Andrade, entre muitos outros.

Em 2017, assina «Amar Pelos Dois», que entrega ao irmão Salvador Sobral para interpretar, levando Portugal a conquistar a sua primeira vitória de sempre na Eurovisão.

Enquanto produtora, colaborou com artistas como Elisa Rodrigues, Joana Alegre, Luís Trigacheiro ou Rogério Charraz.

Luísa Sobral publica em 2022 e 2024 os livros infantis *Quando a Porta Fica Aberta* e *O Peso das Palavras*.

Nem Todas as Árvores Morrem de Pé é o seu primeiro romance.

Sinopse de [Nem Todas as Árvores Morrem de Pé]



Este é um romance sobre duas mulheres unidas pela desilusão e pelos cinquenta anos mais tristes da história da Alemanha. Com uma estrutura muitíssimo original e uma galeria de personagens inesquecível, Nem Todas as Árvores Morrem de Pé marca a estreia fulgurante de Luísa Sobral na ficção.

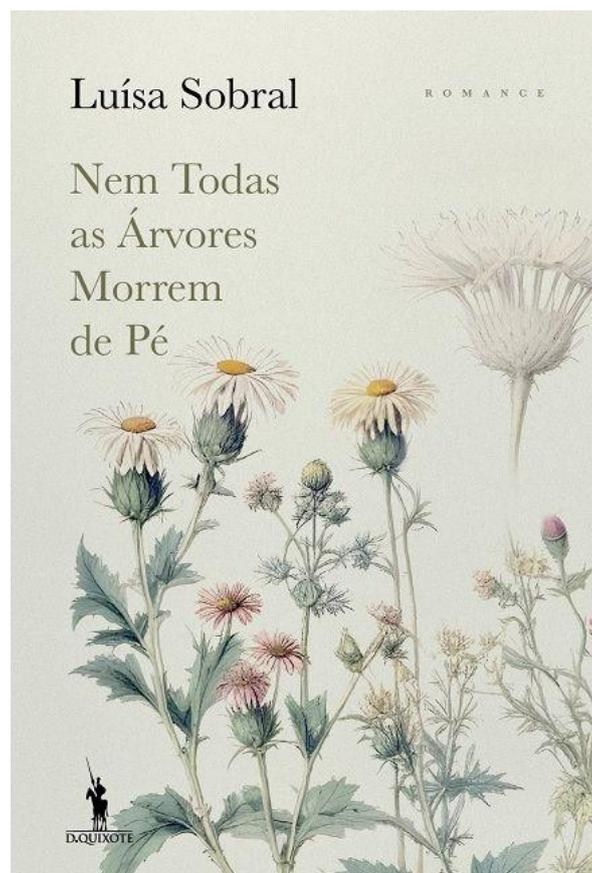
Emmi, que nasceu pouco antes de Hitler ascender ao poder na Alemanha, perde o pai na guerra e tem uma adolescência difícil, trabalhando desde muito cedo para ajudar em casa. É num bar aonde vai com os amigos depois do trabalho que conhece Markus, um homem de Berlim Leste que lhe escreve cartas maravilhosas e por quem se apaixona perdidamente.

Apesar de a mãe torcer o nariz ao seu casamento num momento em que a Guerra Fria está ao rubro, a irmã apoia-a, e Emmi acaba por ir viver com Mischa, como lhe chama, para a RDA. Inicialmente, tudo corre bem, mas, depois de o Muro de Berlim ser erguido, a separação da família e a chegada de uma carta anónima deixam-na na mais profunda depressão.

M. nasce após a divisão das duas Alemanhas e é o fruto perfeito do socialismo: com uma mãe ausente e educada por uma ama que adora plantas, M. idolatra o pai, desconhecendo por completo o mundo ocidental e crescendo ao sabor de uma realidade distorcida. Até que um dia, ao ouvir o testemunho chocante de uma rapariga, descobre que, afinal, não é só o Muro que tem um outro lado.

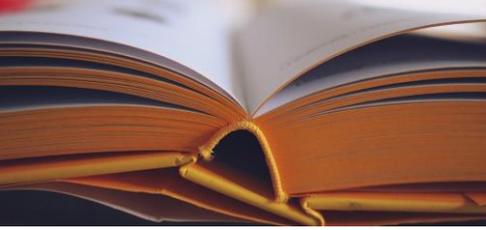
"Nem Todas as Árvores Morrem de Pé" marca a estreia fulgurante de Luísa Sobral na ficção

É um dos livros mais falados do momento, o que assinala a estreia de Luísa Sobral na ficção, a história de duas mulheres unidas pela desilusão e pelos cinquenta anos mais tristes da história da Alemanha. (E-Cultura.pt)



Emmi, que nasceu pouco antes de Hitler ascender ao poder na Alemanha, perde o pai na guerra e tem uma adolescência difícil, trabalhando desde muito cedo para ajudar em casa. É num bar aonde vai com os amigos depois do trabalho que conhece Markus, um homem de Berlim Leste que lhe escreve cartas maravilhosas e por quem se apaixona perdidamente. Apesar de a mãe torcer o nariz ao seu casamento num momento em que a Guerra Fria está ao rubro, a irmã apoia-a, e Emmi acaba por ir viver com Mischa, como lhe chama, para a RDA. Inicialmente, tudo corre bem, mas, depois de o Muro de Berlim ser erguido, a separação da família e a chegada de uma carta anónima deixam-na na mais profunda depressão.

M. nasce após a divisão das duas Alemanhas e é o fruto perfeito do socialismo: com uma mãe ausente e educada por uma ama que adora plantas, M. idolatra o pai,



desconhecendo por completo o mundo ocidental e crescendo ao sabor de uma realidade distorcida. Até que um dia, ao ouvir o testemunho chocante de uma rapariga, descobre que, afinal, não é só o Muro que tem um outro lado.

“Desenvolvi ao longo de quinze anos, devido à minha profissão, uma grande capacidade de me intrometer na vida dos outros, roubando-lhes as histórias com a perícia dos carteiristas do elétrico 28, sem que deem por isso.

Os meus amigos consideram-me uma boa ouvinte porque memorizo cada detalhe daquilo que me é contado. Os que lerem este livro, ou pelo menos o prefácio, vão descobrir neste preciso instante que ouço por amizade, mas guardo por profissão. Sei que todos os escritores o fazem, uns mais descaradamente do que outros, mas na minha opinião nada consegue ser mais inspirador do que a vida real.

Tenho alguns amigos, nomeadamente os mais ligados às artes, que, além de partilharem comigo as suas vidas, partilham histórias de outros, poemas, livros, artigos ou qualquer outra fonte que me possa servir de ponto de partida para uma nova canção. Este livro nasceu assim.

Em maio de 2021 recebi uma mensagem de WhatsApp de uma amiga que dizia «Esta história é incrível»; na mensagem seguinte vinha uma ligação para uma página de notícias de Vila Real. É perigoso apresentar uma história como «incrível», é como aquelas pessoas que antes de contar um episódio dizem «vou contar-vos algo muito engraçado». Não sei quanto a vocês, mas eu nem desfruto daquilo que me está a ser narrado até chegar ao momento em que o meu riso é aguardado. Muitas vezes rio mesmo sem ter prestado bem atenção, só pelo facto de saber que isso é o esperado de quem ouve uma história «muito engraçada» até ao fim. Bom, voltando à minha história não engraçada, mas incrível, li o artigo e nessa mesma noite tive de o transformar numa canção.

A arte ajuda-me a digerir assuntos, a compreendê-los emocionalmente, a processá-los. Foi o que fiz com o desfecho da M. A grande diferença desta história para as outras, que se tornaram também elas canções, é que esta continuou a viver em mim depois de a canção estar terminada. A notícia contava-me o final da história, e o início? O que veio antes desse final? Como ninguém me soube responder, tive de ser eu a fazê-lo: a imaginá-lo, a escrevê-lo e a senti-lo até que se tornasse tão real como a notícia.

Grande demais para ser canção, acabou por se transformar num livro. Se é incrível? Não sei. Sei que é o meu primeiro romance, o que para mim já é um feito bastante incrível.”

"Nem todas as árvores morrem de pé": romance de Luísa Sobral é uma história que quis ser escrita para lá da canção

"Nem todas as árvores morrem de pé", de Luísa Sobral, começou por ser notícia de jornal, foi canção, quase peça de teatro e acabou num romance que recria o passado de um casal alemão que se suicidou em Portugal.

SAPO /MAG



“Os meus amigos de vez em quando leem notícias e coisas que acham que podem ser inspiradoras para canções”, então uma amiga enviou a história de “um casal com o apelido Feliz, mas que decidira terminar a vida junto, ou seja, terminar-se”, em Vila Real, onde vivia na altura, disse a cantora em entrevista à agência Lusa.

“Eu achei isso super irónico e poético ao mesmo tempo, então decidi escrever uma canção [‘Maria Feliz’] sobre isso. Só que todos os meus assuntos ficam resolvidos nas canções, mas este não ficou. Foi uma história que parecia que continuava em mim a

querer ser mais alguma coisa. Então, decidi começar a escrever um texto que eu achei que ia ser uma peça de teatro, porque eu já ando há um tempo a querer escrever uma peça de teatro, e comecei a escrever, e de repente percebi - eu acho que os personagens aqui têm muita vontade própria - que não queriam ser só canção, depois não queriam ser peça de teatro, quiseram ser romance”.

Um retiro de escrita oferecido pelo marido, que a deixava ao abrigo de distrações e das exigências que quatro filhos pequenos impõem, foi o “grande empurrão” para começar a escrever o livro, que não mais parou.

A história tem início pouco antes de Hitler ascender ao poder na Alemanha, atravessa todo o período da guerra fria, até à queda do muro de Berlim, e passa por Itália, antes de chegar a Portugal.

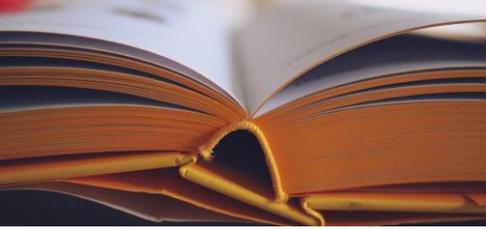
A narrativa é construída com base em duas histórias paralelas, uma das quais, acompanha Emmi, nascida antes do início da Segunda Guerra Mundial, com uma adolescência difícil e pobre, que se casa com um homem de Berlim Leste e vai viver para a RDA, até que a construção do muro, a separação da família e uma carta anónima a enterram numa profunda depressão.

A outra, acompanha M., nascida após a divisão das Alemanhas, educada por uma ama, numa família onde imperam os valores do socialismo. M. vive no total desconhecimento do mundo ocidental e ao sabor de uma realidade distorcida, até ouvir um testemunho de uma rapariga, que mudará a sua vida.



Nem todo o passado das personagens é ficcionado. Luísa Sobral sabia que esta mulher, de quem ninguém sabia o nome, a não ser o que ela usava para si própria, Maria Feliz, vinha da Alemanha de Leste e teve um grande amor em Itália.

“Eram essas três coisas que eu tinha: o fim, o facto de ela ter vindo da RDA, e Itália. E depois, eu não quis saber mais, porque isto não era sobre esta pessoa, esta pessoa era



a minha inspiração. E porque eu queria ter toda a liberdade. Já estava tão condicionada com a parte histórica, que o resto, eu queria imaginar. Porque muitas vezes, aquilo que nós imaginamos é mais interessante do que a realidade”, contou.

Maria Feliz era “muito conhecida em Vila Real por causa das plantas”, e essa foi uma afinidade que Luísa Sobral descobriu ter com esta mulher, a “paixão pelas plantas”. “Ela vivia lá numa casita, sem eletricidade nem nada, mas eles vendiam muitos produtos para mercados e tal, tudo feito com plantas. Ela sabia muito sobre plantas”, contou a escritora, confessando que achou isso também “muito poético”.

As plantas acabaram por tornar-se uma presença constante na vida da personagem M., que se dedica ao seu estudo e à construção de um herbário. É também um fator divisor dos capítulos que a essa parte da história dizem respeito, começando, cada um, com o nome (o comum e o científico), a descrição de características e a ilustração de uma planta.

Luísa Sobral destaca que não se limitou a começar os capítulos dedicados à vida de M. com uma planta, tendo mesmo feito uma separação, de acordo com a fase da vida em que se encontrava: “Quando ela está na Alemanha, são árvores, quando ela está em Itália, são flores, e quando está em Portugal, são ervas aromáticas”.

A estrutura do livro está dividida em capítulos dedicados a duas histórias passadas em épocas e geografias distintas, mas escritas em registo diário, separados por pequenas frases em jeito de versos, e intercalados com cartas, escritas por uma outra personagem.

As frases que separam os capítulos são aquilo que liga o romance à música, às suas canções, como sugeriu um professor com quem Luísa Sobral fez o retiro literário.

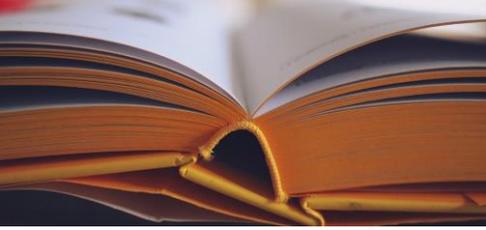
“Ao início, eu comecei a fazer uns poemas. Mas depois comecei a retirar, a retirar... E no fim, tornaram-se só assim uns pensamentos. E eu gostei disso, acho que é uma certa maneira de dizer o que aí vem e de respirar um bocadinho entre as coisas”.

No fundo, este é um livro que reúne na mesma história e no mesmo volume, romance, diário, herbário, texto epistolar e poesia, uma escolha intencional da autora que quis pôr no seu livro tudo aquilo de que gosta enquanto leitora.

A ideia da maternidade perpassa todo o livro, não só porque as duas personagens principais lutam com essa condição – uma porque quer ser mãe e não consegue, outra porque quis ser mãe, mas depois já não quis -, como toda a narrativa em torno das plantas remete para a ideia de “cuidar” e, no fundo, “é tudo uma maneira de cuidar”.

Terminada a escrita do livro, Luísa Sobral enviou-o à editora e escritora Maria do Rosário Pedreira, responsável editorial no grupo Leya, porque “sabia que ela ia ser a única pessoa que ia ser sincera”, já que antes disso, a autora já recebera outra proposta de uma editora para escrever.

“Sabemos que há muita gente que escreve livros, que às vezes nem os escreve, e como já tem alguma visibilidade noutras áreas, acabam por ser apelativos para o público em geral. Mas eu não queria ser essa pessoa, eu não queria ter um romancezeco com o



meu nome (...), mas eu sabia que a Rosário ia ser sincera, porque ela é muito pragmática e muito direta e eu sabia que ela ia dizer-me se fosse um romancezeco”.

A editora disse-lhe que era bom e que o queria lançar – acrescentou – e o livro foi publicado este mês pela Dom Quixote.

Apesar de “Nem todas as árvores morrem de pé” ter surgido um pouco por acaso, numa sucessão de desenvolvimentos a partir de uma ideia inicial que não era a de um romance, não se ficará como um episódio isolado, revela Luísa Sobral, confessando: “Acho que me viciei um bocadinho nisto”.

Neste momento, está já a trabalhar num segundo romance, que trata do tema da morte e de como essa passagem pode ser natural, tanto quanto a da vida, uma ideia que resultou da sua experiência a fazer voluntariado numa unidade de cuidados paliativos de um hospital, onde canta para os doentes.

“Isso foi uma coisa que mudou muito a minha vida, mudou muito a minha perspetiva da morte e foi muito inspirador. E eu comecei a pensar numa maneira de falar, porque eu acho que é muito importante falarmos sobre a morte.”

De escritora de canções a escritora de romances. Luísa Sobral publicou "Nem Todas as Árvores Morrem de Pé" e agora não vai parar

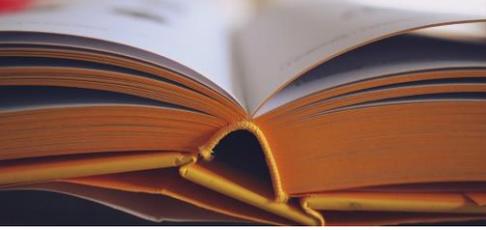
[Maria João Caetano](#) / CNN

15 mar, 18:00



"Um romance pode ser angustiante porque não conseguimos ver o fim. Aprendi com este livro que precisamos de ter muita calma, que é preciso deixar as coisas amadurecer, ir devagarinho. Sem pressa", conta Luísa Sobral em entrevista à CNN Portugal. A cantora publicou o seu primeiro romance e já está a escrever o segundo

No outro dia, Luísa Sobral participou num clube de leitura onde se discutiu o seu primeiro romance, "Nem Todas as Árvores Morrem de Pé", publicado há cerca de um mês. "Foi a primeira vez", conta, entusiasmada. Luísa Sobral está habituada a falar sobre os livros dos outros, fá-lo regularmente nas redes sociais. Ouvir o que as outras pessoas dizem sobre o seu livro é uma novidade. "Quando escrevi estava muito embrenhada na história. E agora já tenho uma certa distância e estou a visitar o livro pelos olhos dos outros, que me fazem perguntas, que reparam em pormenores e me levam a pensar no



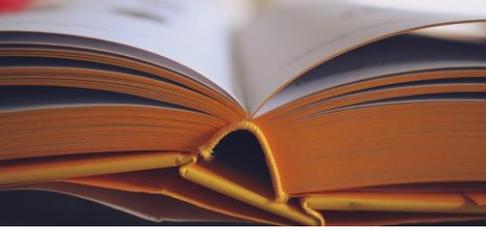
que escrevi, tem sido divertido.” Aos 37 anos, Luísa Sobral, conhecida sobretudo pelas suas canções, apresenta-se como romancista.

Tudo começou com uma notícia de jornal. “Os meus amigos estão sempre a mandar-me coisas. Muitas das canções que escrevo partem de notícias, de reportagens ou de histórias que me contam. E esta foi uma dessas”, recorda a cantora à CNN Portugal. A notícia falava de um casal alemão, que veio morar para Vila Real, em Portugal, e mudou os seus nomes para Maria Feliz e José Feliz. “Gosto muito quando encontro ironia nas coisas. Eles decidiram suicidar-se juntos, o que, acredito, para eles foi um final feliz. Achei esta história muito inspiradora.” Luísa escreveu uma canção, “Maria Feliz”, mas não ficou satisfeita. “A canção não foi suficiente para falar sobre estas pessoas, elas queriam mais, queriam textos mais densos, mais extensos.” Pensando agora melhor, parece-lhe que o que a fez querer contar esta história foram as fotografias que viu da Maria Feliz. “Houve algo ali no olhar dela, na postura. Há algo muito mágico nela que me fez querer perceber o que é que aconteceu antes daquele fim.”

Ao início, começou a escrever uma peça de teatro. “Fiz teatro amador e há muito tempo que quero voltar a representar, então pensei, olha, já que ninguém me convida, vou escrever uma peça de teatro e vou representá-la eu.” Mas depois percebeu que, afinal, aquilo não era uma peça de teatro, mas um romance. Luísa Sobral escreve canções desde os 12 anos e até já tinha escrito histórias infantis, mas nunca tinha pensado escrever um romance. “Eu gosto muito de ler, leio muitos romances, e, talvez por ler tanto, tinha algum medo de me aventurar nos romances, porque pensava que já há pessoas a fazer isto tão bem que era um bocado assustador”, explica. Só que, como tudo aconteceu quase sem pensar, nem teve tempo para se assustar. “Este texto era uma peça que depois quis ser um romance sozinho, então acho que nem pensei muito ‘eu vou começar a escrever um romance’. E acabou por não ter essa carga toda.”

O ponto de partida era então a história desta mulher, vinda da Alemanha de Leste, que tinha tido uma história de amor em Itália e terminara a vida em Portugal. E que gostava muito de plantas e conhecia os seus muitos poderes medicinais. Estes eram os factos. Luísa Sobral não quis saber mais sobre aquelas pessoas. “Eu tinha de encontrar o que é que fazia sentido no meio desses pontos, como fazer a ligação. Mas não queria ficar condicionada, queria ser eu a pintar esses espaços em branco”, conta. Esse era o espaço para a ficção. Por outro lado, fez muita investigação sobre os locais e as épocas da sua história, isso pareceu-lhe essencial. Era importante que as personagens se comportassem de acordo com o seu tempo, que comessem a comida certa, que usassem a roupa adequada, que não houvesse erros históricos. Fez muita pesquisa também sobre as plantas e as suas propriedades.

A determinada altura, sentiu que precisava de “mergulhar naquela história”. “Eu tenho quatro filhos, o mais velho tem oito anos e o mais novo tem dois. E continuo a ter a minha carreira na música. Ou seja, a minha vida familiar e a minha vida profissional são muito preenchidas e é muito difícil ter tempo, não é necessariamente o tempo físico, é mais o tempo emocional, de uma entrega a estas personagens.” Foi por isso que decidiu

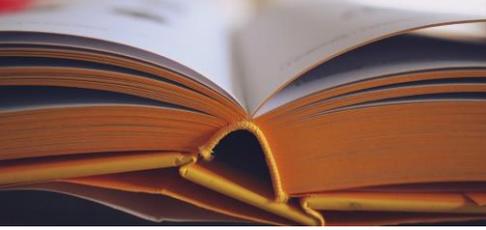


fazer um retiro de escrita, passar quatro dias longe de tudo, com a ajuda do professor Pedro Sena Lino. “Precisava de viver uns dias com estas pessoas, para conhecê-las bem.” Esse processo foi fundamental, permitiu-lhe não só conhecer a fundo cada uma das personagens como organizar a história, definir uma estrutura a partir da qual pôde continuar a trabalhar em casa.

A construção da história foi uma obra de arquitetura complicada. A história tem início pouco antes de Hitler ascender ao poder na Alemanha, atravessa todo o período da guerra fria, até à queda do muro de Berlim, e passa por Itália, antes de chegar a Portugal. A narrativa é construída com base em duas histórias paralelas, uma das quais, acompanha Emmi, nascida antes do início da Segunda Guerra Mundial, que se casa com um homem de Berlim Leste e vai viver para a RDA, até que a construção do muro e a separação da família a enterram numa profunda depressão. A outra história, acompanha M., nascida no Leste, já após a divisão da Alemanha, sem saber nada do que se passa no Ocidente. A queda do Muro de Berlim será determinante para estas personagens. Entre uma história e outra existem as cartas de uma personagem masculina, Mischa. A autora divertiu-se a mostrar perspetivas diferentes sobre um mesmo acontecimento e a imaginar as relações entre as personagens. E, sem querer revelar muito da história, explica: “As pessoas não são boas ou más, são mais complexas do que isso. As pessoas que cometem crimes horríveis também se apaixonam e têm famílias. Como leitora, gosto quando os escritores me fazem duvidar dos meus próprios princípios.”

Pelo meio há pequenos pensamentos, quase-poemas, quase-canções, que assinalam a transição dos capítulos. “Essas frases deram-me muito gozo de fazer, porque aconteceu-me o que acontece muito com as canções, que é eu ir para a cama com essas frases e estar ali com elas, a colocar a palavra para a frente, depois a palavra para trás. Estou imenso tempo a jogar com as palavras, a brincar com elas, até chegar àquela formulação final.”

Luísa costuma dizer que a gestação do livro demorou nove meses, como a dos bebés. Mas na verdade a gestação foi mais longa. A cantora decidiu entregar o texto à editora Maria do Rosário Pedreira, da [D. Quixote](#), porque sabia que dela teria sempre uma resposta honesta. “Sabia que alguém do mundo das artes teria facilidade em lançar um livreco, mas eu não queria lançar um livreco”, contou a cantora, na apresentação de “Nem Todas as Árvores Morrem de Pé”, no Instituto Goethe, em Lisboa. Quando recebeu o manuscrito, Maria do Rosário Pedreira conseguiu “identificar imediatamente um estilo”, contou a editora nessa mesma sessão. “Não era mais uma escritora a escrever no presente e na primeira pessoa. Tinha uma linguagem rica, poética e com um léxico literário. As personagens tinham densidade, complexidade. O texto revelava criatividade, a autora é curiosa, não tem preguiça, investiga, experimenta diferentes estilos. É uma primeira obra admirável”, disse, elogiando Luísa Sobral “por ter tido a coragem de sair da sua zona de conforto”. O trabalho de edição prolongou-se por três meses. Maria do Rosário Pedreira fazia perguntas, apontava contradições, levantava

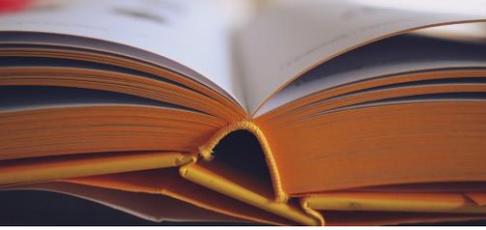


caminhos. O livro ganhou consistência. “Saiu-me das entranhas, foi duro, mas estou orgulhosa”, concluiu Luísa Sobral. Um ano depois, tinha o seu primeiro romance pronto. “Sou muito obsessiva. Houve um período em que quase não dormia. Estava muito ansiosa, sonhava com aquelas personagens”, conta Luísa Sobral. “Escrevo canções desde os 12 anos. Uma canção escreve-se depressa. Um romance pode ser angustiante porque não conseguimos ver o fim. Aprendi com este livro que precisamos de ter muita calma, que é preciso deixar as coisas amadurecer, ir devagarinho. Sem pressa. Às vezes a personagem decide ir para um sítio e isso quer dizer que vou ter de estudar mais não sei quantas coisas. E está tudo bem.”

Este foi um ensinamento que passou a aplicar também na sua vida. “Por exemplo, há já algum tempo que não lanço um disco e geralmente estaria num stress enorme por causa disso. Mas o livro ensinou-me a respeitar o meu tempo. Há uns tempos, no meu podcast entrevistei o Fausto e ele disse uma coisa muito importante: a pessoa criativa é como um campo de cultivo e temos de respeitar o período de cultivo e o período de pousio. Guardei essa ideia, é mesmo verdade, nós precisamos de um período de pousio para depois estarmos mais férteis.”

Neste momento, Luísa Sobral já está a escrever um segundo romance, inspirado na experiência que tem a cantar nos cuidados paliativos de um hospital. “Tem sido muito transformador. O livro partiu deste meu contacto com a morte e com a quase-morte e de pensar que temos todos muito medo disto mas pode ser uma transição muito bonita”, conta sobre esta nova aventura.

Ao mesmo tempo que escreve, continua a desdobrar-se em entrevistas sobre o livro que lhe parece já tão antigo, continua a fazer concertos, a falar nas redes sociais sobre os livros que vai lendo, a levar os filhos à escola e à piscina, a sentir-se inspirada com tudo o que lhe acontece. “Fui ver o filme sobre o Bob Dylan, ‘A Complete Unknown’, e fiquei com muita vontade de pegar na guitarra e escrever canções. Tenho sentido falta de passar tempo sozinha com os meus instrumentos.”



“Nem todas as árvores morrem de pé” de Luísa Sobral

[Ervas daninhas](#) / [Carlos Eugénio Augusto](#)

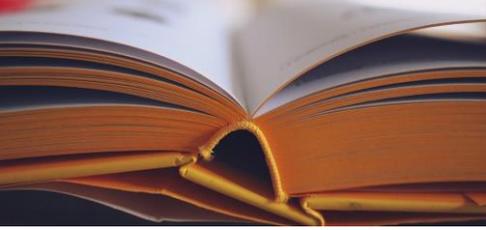
on Março 20, 2025 at 12:24 pm

No prefácio deste livro, Luísa Sobral, sua autora, explica como nasceu a ideia de o escrever: «Em maio de 2021, recebi uma mensagem de WhatsApp de uma amiga que dizia: “esta história é incrível”; na mensagem seguinte vinha uma ligação para uma página de notícias de Vila Real... Li o artigo e nessa mesma noite tive de o transformar numa canção [“Maria Feliz”]». No entanto, a história que era «grande demais para ser canção, acabou por se transformar em livro».

Nesse livro cabem várias vidas, mas especialmente duas, de duas mulheres que têm muito a dizer e a sofrer em comum: Emmi e M. A primeira nasceu um pouco antes de Hitler ascender ao poder numa Alemanha conspurcada por uma crise que leva as pessoas ao desespero de acreditar num homem que pouco de humano tinha, perdeu o pai na guerra, teve uma adolescência complicada, tendo começado a trabalhar muito cedo para ajudar a família.

Sedenta de carinho, quer, à força, encher o coração de algo parecido ao amor, mas um amor diferente daquele oferecido pela sua irmã. Fracassa à primeira tentativa, mas, à segunda, apaixona-se por Markus, ou Mischa, um homem natural de Berlim Leste, e deixa-se levar pelo embalo de um primeiro encontro e um rol de cartas de um amor confesso. Ainda que a contragosto da mãe, casa e muda-se com o marido para Berlim. Na bagagem seguem a paixão e a sua irmã, a única que sempre a apoiou incondicionalmente. Mas o tempo tudo muda, a conjuntura faz crescer um muro que divide vidas, políticas, esperanças. Com ele diz-se adeus a uma parte da vida, que fica completamente destruída depois da receção de uma carta anónima que faz ruir todos os alicerces. Do outro lado da “barricada” está M., uma menina que adora a Natureza e que nasce já com um país dividido, mas também com o desapego e “ausência” da mãe. Essa sombra aumenta com o mudar do calendário e tem no pai o seu herói. Mas viver numa sociedade que distorce a realidade também molda o coração, e M. só começa a perceber a realidade quando houve o relato irado de uma rapariga que lhe põe, literalmente, o mundo ao contrário. Na ressaca, a fuga para o Ocidente torna-se sinónimo de liberdade, de renascer. Enquanto Emmi e M. desvendam e desbravam o seu caminho, que nos faz percorrer um trajeto que começa na Alemanha, mas faz escala em Itália até chegar a Portugal, ao leitor é oferecido uma espécie de guia de viagem, seja isso uma reflexão, um pequeno poema que pode ser pretérito para uma canção, um desenho de uma planta que fica no topo de um herbário. Essas interjeições funcionam como a passagem de um capítulo para outro, de um pedaço de vida para outro.





A delicadeza com que Luísa Sobral constrói [*Nem todas as árvores morrem de pé* \(D. Quixote, 2025\)](#), um magnífico romance de estreia com singelos capítulos que se leem num fôlego, deixa-nos rendidos, faz-nos querer ser invadidos e descobrir a vida cruzada de duas mulheres presas às piores décadas da Alemanha e unidas pela desilusão escancarada por aquele que mais amam, pelos sonhos que se desmoronam, por um corpo descarnado que nasceu disfuncional.

Emmi e M. são seres humanos que tentam criar condições perfeitas, raízes em lugares imperfeitos e áridos, uma “habilidade” apenas grata ao ser humano, mas que uma vida marcada pelo desamor, pelo abuso e manipulação, pela subserviência que alguns acham inata à condição de mulher, faz com que lhes seja diagnosticado o medo como uma doença crónica que fere almas incapazes de cicatrizar. A culpa é de um vírus que transforma o amor em ódio, que se ramifica sob a forma de cólera, de vingança por vingança, onde a coragem desabrocha do silêncio provocado pelas violações e agressões, físicas ou lidas em cartas de amor em formato *flashback* que nada mais são do que ervas daninhas que destroem o solo.

Mas, neste romance há também lugar para a esperança de um dia abraçar o verdadeiro amor, não importa o número da tentativa, estando isso à distância de um reencontro com um amigo de longa data, uma irmã, um raio de sol numa praia, o aconchego de uma paisagem sublinhada pelo verde, o desejo de ajudar os outros a conseguir ter aquilo que não tivemos, a receção do carinho de estranhos que se tornam a nossa família.

A poesia com que Luísa Sobral escreve tudo isto (ainda que a “curadoria” de alguém como Maria do Rosário Pedreira seja um fator decisivo...) é algo único e para saborear devagar, tal o sabor e o prazer que advém da leitura. E que depois de lido, torna-nos órfãos de um “lugar” que ficará para sempre guardado no coração e na estante, não importa o volume da tristeza, do abandono, das injustiças, de vidas que se perdem ou outras que se ganham na eternidade.